

Castro de Penude

Chamo Castro de Penude à pequena fortificação situada no monte do Poio e não muito distante da povoação de Penude. A designação primitiva dêste castro, e, porventura, as que teve através dos tempos, não me foi possível ainda saber.

Crisei o castro com o nome de Penude para assim mais facilmente poder ser encontrado por aqueles que desejem visitar o local

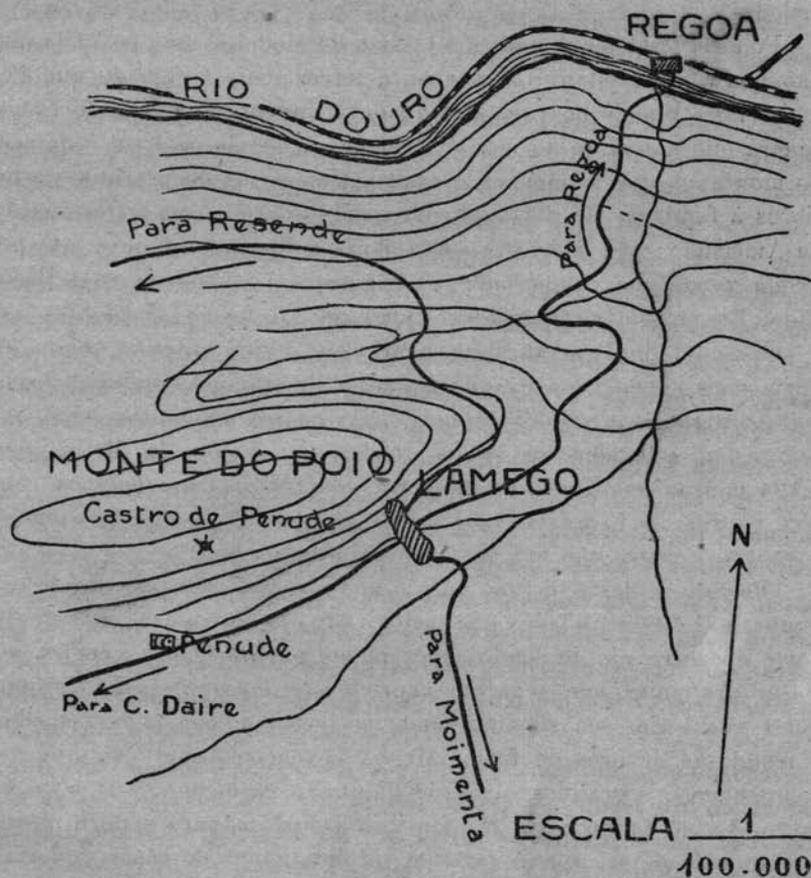


Fig. 1

em que ele foi construído e queiram estudar, nos apagados vestígios que ainda se encontram, mais elementos dos que os que deixo apontados neste artigo.

Penude é uma pequena aldeia, a 6 quilómetros a oeste de Lamego, e situada próximo e a norte da estrada que une a cidade com Castro Daire. Em alguns trabalhos antigos esta povoação aparece com o nome

de Penide. Dá o nome a parte da serra do Poio que é um extenso contraforte da serra do Montemuro estendido de oeste para leste, formando a margem esquerda do rio Douro até a foz do rio Varosa ou Barosa, onde termina. Vid. fig. 1.

É na vertente sul do monte Poio, e na parte que se chama monte de Penude, que se encontra o castro. Os pastores desta região chamam Fraga do Castro ao local onde se vêem os vestígios da antiga fortificação. Fraga, para os pastores, é um elevado amontoado de penedos.

Poderia também chamar-lhe Castro de Medelo, zona povoada que não fica muito distante do castro, e talvez mais antiga do que Penude. Fica Medelo no vale do rio Coura, outrora chamado de Fafel, ribeira que nascendo no monte Poio passa depois pelo sul e na raiz do monte em que se elevava o castro. Em vários documentos posteriores à fundação de Portugal esta região aparece com a designação de Amedelo; não encontrei ainda a razão do nome dado a esta pequena zona, que compreende os seguintes pequenos povos: Paço, Eido, Enxertado, Estremadouro, Quintans, Coito e Teixeira.

O monte do Poio abrange uma área muito extensa, tendo na parte mais elevada um grande planalto, ligeiramente ondulado, sem cultura alguma, e todo êle é baldio. Nos pontos mais altos dêste maciço estão colocados os sinais geodésicos: Fonte da Mesa, com 1:124 metros de altitude; Castanheira, com 995 metros; Quelhas, com 953 metros; e Redonda, com 1:074 metros. O monte em que se encontra o castro não tem 900 metros de altitude.

Olhando-se dêste terreno para o norte goza-se um panorama deslumbrante, dos mais belos que temos visto. Á nossos pés, a vertente norte da serra vai descendo ásperamente para o Douro, mostrando rugas profundas que separam caprichosas ondulações do terreno, todas cultivadas em sucaleos onde se desenvolvem ricos vinhedos e frondosas árvores de fruto. Muitas povoações, com seus alegres campanários, e grandes casas de quinta se vêem por entre a vegetação. Lá no fundo corre o majestoso Douro, e para o norte dêste levantam-se outras serras também salpintalgadas de casais, quintas e povoações que espreitam por entre os vinhedos, dando uma impressão muito agradável e característica a esta paisagem. Formando fundo a tam encantador quadro ergue-se o enorme e altivo dorso do Marão, mancha cinzento-azulada com largos tons negros da sombra das suas fundas rugas, e notam-se em esbatido inúmeras cristas das serras de Trás-os-Montes que se perdem no extenso horizonte que nos é permitido ver.

Estes encantos da natureza levam muita gente a subir à serra para os observar. Por lá andei repetidas vezes, não só para disfrutar as belezas da região, como também para ir colhendo elementos para o estudo de carácter militar destes sítios, que vou elaborando nas horas que tenho disponíveis.

Já há muito sabia da existência dum castro no monte Poio, mas nunca tinha conseguido uma referência que me facilitasse encontrá-lo. Foi conversando com um pastor que me foi possível descobrir a situação do antigo castro, pois mal eu supunha que essa fortificação tivesse sido elevada na vertente sul do planalto e no lugar em que o fui encontrar.

É que embora o rio Douro seja um fundo fôssco, com vertentes ásperas, e, portanto, um obstáculo considerável à deslocação de tropas, supunha que a linha de vigilância e de protecção dos núcleos populosos da margem esquerda do rio se fixasse na parte que olha para o norte, por me parecer ser mais natural e mais fácil que por aí se fizessem as razias e surpresas militares, tam contínuas e vulgares nos antigos tempos em que o rio Douro tantas vezes serviu de fronteira aos diversos povos que se estabeleceram no nosso país. Daqui resultava derivar as minhas pesquisas para a vertente norte. Apesar de não achar nesta direcção vestígio algum de fortificação, não desistirei das minhas investigações por ali, até encontrar motivo que me leve a abandoná-las.

Faltam-me ainda muitos elementos para poder chegar a definir a linha de vigilância e de protecção que em outros tempos deveria haver em tórno de Lamego, para com elles determinar a existência de fortificações na vertente norte da serra ou monte Poio; e, também, para melhor precisar se essa vigilância e protecção se correlacionavam com Lamego apenas, ou com outro núcleo populoso mais afastado, ou mesmo existente na própria serra.

A circunstância do castro de Penude ser um pósto de observação fortificado, situado na vertente sul da serra e quasi sem horizonte para o norte, é para se ter em muita consideração nas deducções a fazer-se para se chegar a concluir qual a situação do núcleo populoso com que se correlacionava.

Numas memórias manuscritas encontrei a indicação de que o castro de Penude juntamente com outro próximo do rio Douro constituíam postos de vigilância duma povoação fortificada que em tempos remotos existiu próximo de S. Domingos da Queimada, capela que coroa um alto esporão pedregoso compreendido entre o rio Douro e o rio Varosa. Se tal povoação existiu, parece-nos que o castro de

Penude não se correlacionava directa e imediatamente com ela, por o castro ficar a mais de 10 quilómetros de distância do local que se indica como tendo sido ocupado pela tal povoação; por ser muito acidentado o terreno que separa esses dois pontos, demais cortado por dois profundos vales, o do Balsemão e o do Varosa; e serem difíceis e morosas as comunicações da serra do Poio com o monte de S. Domingos da Queimada. Os processos de guerra daqueles tempos, e até mesmo os de hoje, não exigem que a linha de vigilância e de protecção seja lançada a distância tam considerável.

Julgamos, por enquanto, que o castro de Penude ou o posto da Fraga do Castro se correlacionava directamente com as fortificações de Lamego, das quais dista uns 3 quilómetros; se é que não fazia parte dalgum conjunto de obras defensivas ligadas a qualquer centro populoso que tivesse existido na própria serra.

Só um estudo muito pormenorizado e investigações muito exactas poderão levar-nos a precisar este interessante assunto.

Mas deixemos este dedicado ponto para o trabalho que espero um dia publicar sobre a história militar desta região, e que desenvolvido aqui não só tornaria extenso de mais este artigo como poria em segundo plano o que pretendemos dizer sobre o castro de Penude.

Não é o castro de Penude, tal como hoje se encontra, reduzido a quasi nada, uma fortificação que interesse aos que não estudam. Não impressiona pelos sentidos. Destinada a conter pequena guarnição, a sufficiente para fornecer sentinelas e vedetas e oferecer resistência em caso de suprêsa, não devia ter grande desenvolvimento.

O castro de Penude coroa um cabeço destacado no alto da vertente sul da serra, cabeço com 23 metros de altura em relação ao terreno em que se eleva, coberto de penedos nas suas encostas leste, sul e oeste, e de fácil descida para o colo que fica na frente norte.

No alto do cabeço definem-se ainda os limites das faces que constituíam o recinto da fortificação, apresentando a configuração poligonal que se mostra na planta junta. Só na face do sul, que certamente era construída sobre rocha, não notamos vestígios dos alicerces das muralhas.

Foi com bastante trabalho, mas com a maior alegria, que defini os limites do castro. As muralhas tinham a largura de 2 metros na base. Pela disposição das pedras, pelo aspecto do terreno que forma o cabeço em que assenta o castro e pela situação relativa das faces que limitavam a fortificação fui levado a concluir que a porta de entrada olhava ao norte e que o traçado do caminho que dava acesso ao

castro deveria ser sensivelmente o que representamos na planta que acompanha este artigo (fig. 2).

Mas se não bastassem essas indicações para deduzirmos com segurança a situação da porta e a direcção do caminho de acesso à obra fortificada, outras vieram corroborar a dedução feita.

Pesquisando o terreno exterior aos limites do castro; interrogando morosamente as pedras trabalhadas que encontrava dispersas pelo cabeço, embora com mágoa reconhecesse que se conservavam silenciosas às minhas interrogações ou que era minha a insuficiência para as compreender; insistindo contudo no meu exame, foi com a maior

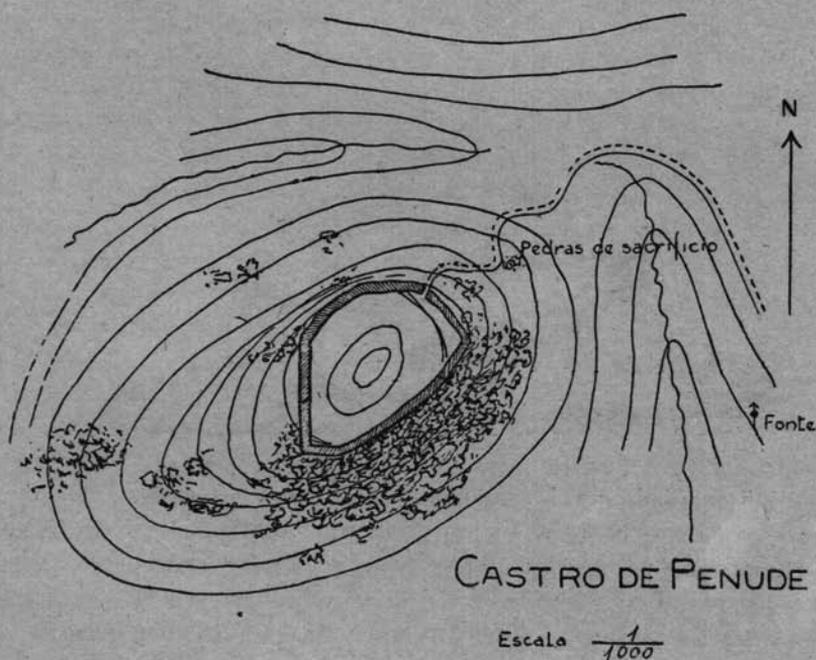


Fig. 2

alegria que vim a encontrar um rochedo com claros indícios de ter sido aproveitado pela guarnição do castro para qualquer fim especial, talvez de carácter religioso.

Fica este rochedo, de que damos idea no desenho que acompanha este artigo (fig. 3), a uns 25 metros a nordeste da porta, e, por elle, deveria passar naturalmente o caminho de acesso ao castro. Deste ponto o caminho continuava a descer até a linha de água que parte do colo para sul e próxima da qual se encontra uma fonte, provavelmente utilizada pela guarnição militar de castro.

Esse rochedo de granito fendeu pela acção do tempo, resvalando a parte (a) que, pela posição que tomou, oculta a continuação que deveria haver em seguida à segunda pia que mostra o desenho. Na superfície superior do rochedo vêem-se ainda duas grandes pias, cada uma com 0^m,50 de diâmetro e 0^m,25 de profundidade, ligadas entre si por um rêgo com uma face vertical e outra inclinada, e que mede 0^m,90 entre o afastamento de duas pias.

Quis tentar colocar a porção da pedra resvalada na sua primitiva posição, mas a fôrça dos homens que me acompanhavam foi impotente para conseguir esse meu desejo. O Sr. Luís Nápoles, distinto professor de desenho do Liceu de Lamego que me acompanhou numa das excursões à serra, teve a amabilidade de executar o desenho que acompanha este artigo e que dá idea da posição que o calhau devia ter antes de se fracturar.



Fig. 3

Fui auxiliado no levantamento da planta do castro pelo Sr. António Freitas e Silva, distinto professor de matemática do Liceu de Lamego; e por seu filho, aproveitando mais esta ocasião para lhes agradecer as suas atenções e auxílio que me dispensaram.

A situação da porta do castro e a direcção do caminho de acesso à fortificação são outros pontos a ter em consideração ao procurar-se definir o fim para que foi construída.

O vasto horizonte que se observa do alto da Fraga do Castro para sueste, para sul e para sudoeste, contrasta com o limitadíssimo campo de vista na direcção norte, que não vai além duns 600 metros; do que se pode concluir que esta atalaia permanente se destinava mais especialmente a observar o vale do rio Balsemão, que corre de oeste para leste e a sul da serra do Poio, e as cristas cortadas por vários caminhos que se avistam nas outras direcções acima indicadas.

Na crista da vertente sul da serra afloram várias fragas, e é curioso citar aqui a existência de uma a pouco mais de 1 quilómetro

a leste do castro, e que na zona de Medelo é conhecida pelo nome de Fraga do Sino.

Fica esta fraga entre o castro e Lamego e próxima duma funda ravina chamada Vale Escuro, que desce da serra na direcção norte-sul vindo entrar no rio Coura no Estremadouro de Medelo.

Depois de ouvir aos pastores a história de tal fraga, resolvi ir observá-la. Ouvindo a um pastor idoso afirmar que ali houve um sino, e ficando impressionado com tal afirmativa, tratei de proceder a averiguações, pois este facto alguma cousa de interessante deveria trazer-me que se ligasse com o estudo em que estava empenhado.

Visitei com demora alguns povos de Medelo e, depois de interrogar as pessoas de mais idade, cheguei a convencer-me de que de facto em tempo esteve colocado um sino na referida fraga, e que esteve nela oculto por qualquer circunstância durante muito tempo, sendo por fim encontrado por mero acaso.

O povo daqueles lugares conserva a tradição da existência do sino, cantando a seguinte quadra que me foi comunicada pelas pessoas mais idosas:

Oh sino dourado
Da Sé de Lamego!
Vinde oh ladrões
Não vos temos medo,

Esta alusão à Sé de Lamego indicou-me novo rumo a seguir para continuar as investigações. Talvez o povo se julgasse roubado por lhe terem tirado o sino a que se supunha um direito e que alguém o mandasse transportar para a Sé da cidade.

Fui à Sé de Lamego, analisei um por um todos os sinos da sua vetusta torre e outros que estão em outras dependências do grandioso templo, mas em nenhum encontrei inscrição ou vestígio de que pudesse ser o sino retirado da serra; todos foram feitos directamente para lugares religiosos.

Procurando outros elementos de investigação consegui obter uma interessante história sobre Lamego, manuscrita, por Joaquim de Oliveira Chaves, em 1843, na qual encontrei a seguinte referência ao sino dourado, no capítulo em que descreve a Sé: «Tem grandes sinos em vulto no que o bispo Pincio gastou grosso cabedal desfazendo os antigos, e um *pequeno*, chamado *dourado*, pela liga de ouro e prata de que era composto, o qual tinha sido achado, no monte que vai para a freguesia de Penude, por uma pastora, entre fragas, que andava guardando gado. Dizem que esta, sentando-se ao sol sobre um grande penedo, para receber os seus raios da manhã, não

só por encantarem, como por muito saborear àquela hora o seu suave calor, principiou a fiar, e neste serviço se desprende o fuso, e cafu por uma aberta, que umas fragas juntas dêste tinham, e vae tocar no sino; com o tenir se espanta e corre a dar parte ao seu abade, o qual logo com gente se dirige àquele sítio, entrando a descavar, o acharam e como o vissem ainda muito amarelo, o nominaram dourado, e mesmo pelo finíssimo toque. Então o abade ofereceu-o ao Prelado governante. Isto é o que por vulgar tradição consta; porém o que certo foi é que *êle esteve na tórre e que foi fundido pelos outros*. O que transcrevo também me foi contado por um pastor com mais de 90 anos de idade.

Consultando a *História eclesiástica da cidade e bispado de Lamego*, vim a saber que o bispo Pincio governou a diocese desde 29 de Abril de 1787 até Novembro de 1821. Foi neste período que o sino dourado foi inutilizado por ser fundido. Pelas informações que me foi possível colher serviu para a fundição dum sino que tem marcada a era de 1802, e está situado na face da tórre que olha para o poente.

Restava saber em que data teria sido transportado o sino da serra de Penude para a tórre da Sé de Lamego. Não me foi possível até hoje precisar essa data, mas numa memória manuscrita que o Dr. Pedro Augusto Ferreira afirma ter sido escrita em 1758, encontrei a propósito da descrição da Sé a seguinte referência ao sino dourado: «. . . Tem a Sé uma casa de Cabido, grande, com janelas de grade de ferro de sacada pintadas que caem sôbre o ladrilho, que com a tórre que fica para a parte do sul, encostada à Igreja faz tudo uma notável perspectiva, e a tórre cheia de sinos, três grandes e bem sonorosos e um deles é *dourado e foi achado* no monte que vai para a freguesia de Penude». Pelo que se transcreveu se conclui que a trasladação do sino se realizou em data anterior a 1758.

Se o bispo Pincio não tivesse tido a lamentável idea de mandar fundir o sino dourado, talvez fôsse possível, por qualquer inscrição que êle contivesse, descobrir-se o fim para que o collocaram na fraga do monte. Com a sua fundição desapareceu a única esperança de se poder precisar tam interessante caso.

Mas esta lamentação infelizmente liga-se a quasi todos os nossos monumentos e documentos históricos, tratados em geral com o máximo desprezo em todos os tempos, mesmo por aqueles que pela sua illustração e educação deveriam ser os seus mais acérrimos defensores.

A collocação do sino na fraga da serra não nos parece que se possa considerar independentemente da existência do castro de Penude. Talvez o sino servisse para a sinalização entre o castro e as fortifica-

ções de Lamego, utilizável em dias de denso nevoeiro, muito vulgares nesta região, e sempre que não fôsse possível o emprêgo de sinais ópticos entre os guarnições, ou ainda para prevenir as populações do vale a sul da serra quando se aproximasse qualquer perigo que os pusesse em risco. E em tempos remotos parece que a população em Amedelo ou Medelo era já importante, por isso que nas pesquisas a que por lá procedi encontrei desde as proximidades da Senhora da Guia de Medelo, e por todo o terreno chamado Fonte de El-Rei, grande quantidade de tejos e telhas de rebordo, e o mesmo encontrei no sítio das Moreiras a norte de Medelo, onde me disseram terem aparecido moedas romanas quando o terreno foi arroteado para vinhas.

Não me foi possível até hoje fazer qualquer outra hipótese tendente a justificar a existência do sino na fraga do monte de Penude. Observando-se os penedos da fraga, e tendo-se em vista a disposição da cavidade em que o sino teria estado, mais nos convencemos de que êle seria destinado a fins militares.

Julgo não ser êste um facto isolado e único de se utilizar o emprêgo dos sinos para a sinalização entre as antigas fortificações e para aviso às populações agrícolas e pastoris sempre ameaçadas, em tempos remotos, pelas investidas e razias dos povos vizinhos.

Além dêste meio de sinalização, encontrei já referência ao emprêgo de fochos de luz que, para o mesmo fim, eram colocados em diversos lugares que circundam Lamego, e a situação de esculas para observação e ligação. Mas termino por aqui a comunicação do do que me foi possível colhêr sôbre o castro de Penude, deixando para outros artigos a informação do que puder vir a saber sôbre os interessantes assuntos que deixo indicados.

Lamego, 17 de Dezembro de 1919.

ÂNGELO CRUZ E SOUSA.

O Pelourinho de Castro Laboreiro

Numa digressão que fizemos pelo Norte em Julho de 1917, depois de termos regressado do sul de Angola, onde estivemos como expedicionário comandando a 10.^a companhia de infantaria n.º 20, tivemos ocasião de ir a Castro Laboreiro. Logo que ali chegámos, feita a viagem desde Melgaço a cavalo e acompanhado de guia, preguntámos pelo pelourinho.